

# A TERCEIRA MARGEM DO TRABALHO

Lelita Oliveira Benoit<sup>1</sup>

*Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar.*

*E a canoa saiu se indo*

*– a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.*

*Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte.*

*Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio,*

*do meio a meio, sempre dentro da canoa,*

*para dela não saltar, nunca mais.*

João Guimarães Rosa, A terceira margem do rio.<sup>2</sup>

De tanto trabalhar a madeira, o carpinteiro percebe suas essências com seu olfato e seu tato e desenvolve registros de sensibilidade ignorados pelos profanos. O marinheiro, de tanto manobrar com a maré, experiencia a água, as ondas, as vagas, o oceano com um prazer ignorado por outros. De tanto pelejar com seu instrumento, o violinista ouve, na arte de outro virtuoso, sonoridades que ele não teria ouvido antes de trabalhar seu próprio violino. (...) O processo aqui evocado ocorre então em uma relação de si para si. Ele compromete o amor por si próprio e por seu corpo e se desdobra fundamentalmente no não-visível, como tudo que se refere à subjetividade.

Christophe Dejours, Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução.<sup>3</sup>

O rio tem duas margens. É a experiência sensível de ver com meus olhos as margens barrentas, escorregadias: as duas margens do rio. Não importa se é rio pequeno, riacho, ribeira, córrego ou até mesmo a metáfora do rio terrestre, o dito “rio voador”. Corrigindo: “metáfora” sensível e visível. Em todas as variações e em outras, me curvo ao enigma. Onde fica a terceira margem de todas

<sup>1</sup> Lelita Oliveira Benoit é escritora, psicanalista e professora de filosofia da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho. Mestre e Doutora em Filosofia (USP), foi pesquisadora-convidada da Université Paris VII – Denis-Diderot (França). Na Escola DIEESE, entre outras, ministrou a disciplina “Trabalho e Saúde Mental” em 2020, no auge da tragédia da pandemia do Covid-19.

<sup>2</sup> GUIMARÃES ROSA, João (1908-1967). A terceira margem do rio (conto). In: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 80.

<sup>3</sup> DEJOURS, Christophe; MELLO NETO, G. A. R. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. **Psicologia em Estudo**, 17(3), 8 de maio de 2016. p. 363-371.

as espécies de rios? A dita “terceira margem do rio” existe sim em imaginação ou fantasia, dentro de mim, mergulhada na minha subjetividade impalpável e invisível. Contudo os meus olhos não veem a terceira margem de todos os rios do mundo. Só sombra das sombras de coisas reais, dos rios de verdade. Ou talvez – quem sabe ao certo? – é fiapo da realidade enlaçado ao conto de João Guimarães Rosa, uma das suas Primeiras Estórias, talvez a mais conhecida dentre todas, nomeada “A terceira margem do rio”.

Impossível seria então realizar o ato da procura da *terceira margem do trabalho*? me perguntam curiosos os que me leem. Volteando – a terceira margem do trabalho –, vou percorrer agora, ou tentar ao menos, neste breve escrito, sempre acolhendo o invisível e impalpável *sofrimento* e o *prazer* submersos na atividade humana trabalho. Sigam-me!

## Era uma vez

Em passado recente começa a nossa breve história. Singular bacharelado, talvez o único no espaço acadêmico de nosso país, passou a ter existência concreta em 2012. Recebeu belo nome: Escola DIEESE de Ciências do Trabalho. Curso de nível superior desde sempre se destina aos trabalhadores e às trabalhadoras.

Entrelaça em seu corpo de disciplinas – qual tapete sendo tecido por artesãs atarefadas – vários saberes e ciências, tais como Economia, Estatística, Sociologia, História, em todas as suas vertentes sociais e políticas, sempre instigantes. Na sua especial tapeçaria interdisciplinar ainda incluídos estão os laços e urdiduras do ensino das Artes, da Linguagem e da Filosofia: criações imagéticas, palavras criativas, reflexões discursivas e sempre atadas à realidade concreta do trabalho vivo. Todos esses saberes e ciências vão aos poucos abraçando possibilidades de utopia social, desvendando o lado apagado do real histórico, o mais abrangente dentre todos, o do mundo trabalho – que não tem fronteiras no seu sem-fim plural e abrangente, inclusivo e universal e sobretudo, humano demasiado humano<sup>4</sup>.

Ciências e saberes somados – e muita criatividade! – a Escola (como afetivamente costumamos a denominar) é destinada à melhor formação superior dos Estudantes-trabalhadores, advindos que são de sindicatos e partidos políticos, dos movimentos sociais dos sem-teto e dos sem-terra e simples pessoas que trabalham por esse Brasil afora. E deixo a outros, mais qualificados, a tarefa de esmiuçar detalhes específicos dessa jornada de dez anos de nossa Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, para que possam reverenciar as pessoas que

4 Para reflexões abrangentes e aprofundadas a respeito das origens e das turmas iniciais da Escola DIEESE, consulte-se a brilhante dissertação de Mestrado em Educação, de Stênia Cássia Pereira Militão, **Educação e Trabalho no Brasil: análise da experiência da Escola DIEESE e o novo curso de Ciências do trabalho**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2017.

aqui labutaram e ainda labutam, a direção, os professores, os funcionários da secretaria, da vigilância, as senhoras dos serviços da limpeza e do tão necessário cafezinho com bolachas. Retorno ao trabalho vivo, à sua enigmática terceira margem, talvez ainda invisível ao olhar desatento.

## Caminhos

Um belo dia no decorrer dos últimos dez anos, para debates e sugestões, reuniu-se o Conselho Técnico e Científico da Escola DIEESE, composto por professores e pesquisadores das grandes universidades brasileiras e estrangeiras. A batuta estava em boas mãos – firmes, mas acolhedoras – as da então diretora da Escola DIEESE, a socióloga e professora Sirlei Márcia de Oliveira.

Relembro agora momento marcante desse encontro acadêmico, que ocorreu em ampla sala do prédio do Escritório Nacional do DIEESE, na rua Aurora, cravado no centro velho da cidade de São Paulo. Ali presente – de corpo e alma, acredito eu! – se encontrava a também socióloga e filósofa Helena Hirata, pesquisadora e professora (Universidades de Paris 8-Saint-Denis e Paris 10-Nanterre), brasileira radicada na França desde há muito tempo.

Vejam só o que aconteceu. Naquele passado nem tão distante, causou inquietação à professora Helena Hirata certa ausência ou falha ou falta. Ao analisar a nossa grade curricular, se bem que elogiada pela riqueza de seu conteúdo, notou a ausência de um olhar outro e diverso, que perpassasse o trabalho e seu universo amplo, mas que o olhasse do lado de dentro, do lado da subjetividade da pessoa que labuta todos os dias. Dedilhou então a sua sugestão com delicadeza e falou: “Não vejo na grade curricular a disciplina Psicologia”. Ou em outras palavras: notou a ausência de estudos de relações possíveis – e impossíveis também – entre *trabalho* e a *subjetividade* das pessoas trabalhadoras.

A frase, com seu denso significado, ficou desde então ressoando pelos corredores da Escola DIEESE. Contudo, dificuldades se apresentavam e pareciam ser um mar imenso a se atravessar. Raramente fora tematizada em pesquisas e livros teóricos sobre a classe trabalhadora. Ou, com mais acuidade, nas palavras precisas de experiente metalúrgico, sindicalista, diretor de CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) e estudante da nossa Escola DIEESE:

A questão da saúde mental da classe trabalhadora no processo produtivo carece de um maior aprofundamento no universo do movimento sindical, universitário e dos partidos progressistas. Um tema complexo, a saúde psíquica, ou a questão mental, é por vezes tratada com preconceito em nossa sociedade capitalista, e sua complexidade advém justamente porque não é tratada na dose certa e necessária, tão pouco no seio do movimento sindical.

Apesar das distâncias longas e do percurso difícil, havia luzes que muito lentamente foram iluminando passos futuros na direção já desejada, reforçada que foi pelo imprescindível alerta da professora Helena Hirata.

## Encontro

Em 2015 e com o apoio da Escola DIEESE, pude frequentar, no Instituto *Sedes Sapientiae*, o curso *Saúde mental no trabalho*, palestras apresentadas pela médica psiquiatra e psicanalista Edith Seligmann-Silva. E foi então, com a leitura da sua obra *Trabalho e desgaste mental* (O direito de ser dono de si mesmo)<sup>5</sup>, que se realizou o encontro. Como de praxe, nas últimas páginas dessa obra, encontrei bibliografia, ainda que breve, voltada especificamente aos vínculos entre *trabalho* e *saúde psíquica* dos sujeitos trabalhadores.

E assim a semente foi despertando da sua letárgica dormência, começou a brotar, indo até o florescimento de cedro vermelho, no centro de uma sala de aula on-line, no segundo semestre do ano de 2020. Despontava a disciplina Trabalho e Saúde Mental que se propunha olhar a atividade/fazer trabalho pelo seu avesso, sobretudo fazer sobressair o *invisível* a olhos desatentos, o lado dos desalentos e tristezas, enfim, do sofrimento que perpassa silenciosamente a *subjetividade* de quem labuta no dia a dia sem fim.

Não há como esquecer que estávamos atravessados pela tragédia da pandemia da Covid-19, que muito abalou nossas certezas subjetivas e desnudou a falida objetividade de nossa realidade em múltiplos aspectos, sobretudo das desigualdades entre pessoas e classes sociais. Refletir a respeito de saúde mental, no âmbito da nossa Escola, em palavras certeiras de um dos nossos estudantes, militante de partido político e então, desempregado, não era “apenas oportuno”, mas sim “imperativo”. Dou-lhe a palavra:

A pandemia Covid-19, pela qual passa o Brasil e o mundo, pandemia essa que incide de maneira muito mais violenta no seio da classe trabalhadora, tradicionalmente a mais vulnerável em termos de condições materiais, muito sensíveis para suportar o isolamento social e todas as negativas que dele advêm, falar de saúde mental foi e é mais do que oportuno: é imperativo.

Outro estudante da Escola DIEESE, sindicalista e enfermeiro, clama em voz límpida:

---

5 SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e Desgaste Mental** (O direito de ser dono de si mesmo). São Paulo: Cortez, 2011.

Trazendo [essa disciplina] para os tempos atuais, onde o mundo vive essa pandemia, principalmente aos profissionais da saúde, podemos avaliar que o convívio e a relação vida-e-morte tem um peso muito significativo. Se nesta área os problemas emocionais foram sempre grandes motivos de adoecimento e afastamento do trabalho, com o surgimento desta pandemia isso tudo agravou intensamente. Um grande número de profissionais da saúde, independentemente de sua profissão, seja médico, enfermeiro, auxiliar de enfermagem, técnico de enfermagem, técnico de raio X, assistente social etc., todos sempre conviveram com situações muito estressantes, lidando com o limiar entre vida e morte, fazendo com que os agravos à saúde emocional destes profissionais acabassem sendo sempre muito maiores do que em outras profissões.

Desenrolou-se então a imperativa abordagem de trabalho/saúde mental no decorrer do segundo semestre de 2020. Foram aulas, discussões, seminários e convidados<sup>6</sup>, sempre em torno da leitura, em detalhes e em profundidade, da obra *A loucura do trabalho. Estudos de psicopatologia do trabalho*<sup>7</sup>, de autoria do médico psiquiatra, psicanalista e pesquisador Christophe Dejours<sup>8</sup>.

Escolhe-se esse caminho específico por motivos consistentes. A teoria dejouriana em sua totalidade esteve e está ainda em movimento, gerando transformações teóricas vinculadas às múltiplas experiências da sua Clínica do Trabalho. Em carne e osso, tal mover teórico já acontecera na obra *A loucura do trabalho. Estudos de psicopatologia do trabalho*. Vejamos.

Na sua edição inaugural de 1980, propunha-se olhar as patologias ou doenças mentais que ocorrem no decurso de jornadas de trabalho como sendo modos de *sofrimento psíquico* resultante da *confrontação dos sujeitos com a organização do trabalho*. Da escrita de um estudante da Escola DIEESE e trabalhador em órgão público, colhemos frases interessantes a respeito da temática dejouriana:

Aprendemos que esse sofrimento pode ser atribuído ao choque entre as histórias individuais de cada um, cheio de esperanças e desejos com a organização do trabalho, a qual leva consigo o ideal de liberdade individual no sistema capitalista vigente como o seu norte, e o ignora nos trabalhadores. Toma sua liberdade artesanal de adaptação ao trabalho conforme suas necessidades, e bloqueia a relação homem-trabalho, causando impactos físicos e mentais pro-

6 Aulas especiais foram apresentadas aos estudantes da Escola DIEESE, rastreando outros olhares da saúde mental/trabalho. Apresentaram-se Tales Ab'Saber (Psicanalista e membro do Instituto *Sedes Sapientiae*, Professor da UNIFESP-Guarulhos), Marcelo Costa (Doutor em filosofia, USP e professor na UNIFESP-Guarulhos), o psicólogo e psicanalista Lúcio Costa (SPB, Sociedade de Psicanálise de Brasília) e o psicólogo André A. A. Nunes (UFPR e UNICAMP).

7 DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia L. Ferreira. 6.ª ed. São Paulo: Cortez/Oboré, 2015.

8 Christophe Dejours é psicanalista, médico psiquiatra, vice-presidente da Associação Psicanalítica da França, membro titular do Instituto Psicossomático Pierre Marty de Paris, presidente do conselho científico da Fundação Jean Laplanche – Institut de France, professor universitário e autor de diversos livros e artigos, considerado o criador da psicodinâmica do trabalho.

Destaque-se que – ao sufocar esperanças e desejos – a organização do trabalho pode estar desencadeando insatisfações, frustrações, ansiedades, medos e outros modos de sofrimento psíquico. Passo a passo, sigamos em frente.

Na reedição de 1993 de *A loucura do trabalho*, foi acrescentado um “Adendo” significativamente intitulado: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Tal importante “Adendo” demarca alargamento teórico e clínico da Psicopatologia à criação inovadora da Psicodinâmica, ambas incidindo na complexidade da saúde/doença mental de quem trabalha. São reflexões densas demarcando mudanças na direção do olhar do pesquisador Christophe Dejours, que nos explica o seguinte: “De 1914 a 1968, o tema das *condições de trabalho* emergiu gradativamente, na área da saúde, de demandas de trabalhadores. A luta pela *sobrevivência* [que vingou no século XIX ao começo do XX], deu lugar à luta pela *saúde do corpo*.” Isto começou a ocorrer quando o sistema Taylor de produção passou a predominar. O *corpo* aparece desde então como ponto central do impacto da exploração advinda da organização do trabalho. De modo que as lutas pela mera *sobrevivência*, como as da limitação da jornada de trabalho e a liberdade de auto-organização, gradativamente deram lugar às lutas por melhores *condições de trabalho*, de modo a preservar a *saúde do corpo*.

A partir da ampliação do olhar do pesquisador Christophe Dejours, o estudo das patologias relacionadas ao trabalho passou a refletir sobre o conceito de *normalidade* que, vez ou outra, se apresenta na vida dos trabalhadores, mulheres ou homens. A nova indagação se fez com intensidade e se indagava como pessoas trabalhadoras, apesar de condições precárias e desgastantes, ainda assim, demonstram certo grau de equilíbrio psíquico em contexto laboral de intenso constrangimento e pressões múltiplas?

Com a publicação em 1998 de *Souffrance en France*<sup>9</sup>, inaugura-se essa nova fase na teoria dejouriana. O olhar do pesquisador aprofunda-se nas vivências de *prazer-sofrimento laboral*, abrangendo desde então o modo como os trabalhadores *subjetivam* tais experiências, ou seja, o sentido que assumem psicicamente e como são criadas estratégias para enfrentar ou se desviar das novas formas de organização do trabalho – em particular, a neoliberal<sup>10</sup>.

O sofrimento psíquico ganha pujança afirmativa quando passa a ser relacionado à *criatividade* no trabalho. Dejours encontra-se agora diante do que ele próprio nomeia “enigma do trabalho”. A teoria dejourdiana abre-se à possibilidade de o trabalhador vivenciar uma *inteligência prática*, que se mostra capaz de beneficiar a construção da própria identidade, promovendo ações que

9 DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. 7.ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2019.

10 Cf. em particular DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo II**. Trabalho e emancipação. Trad. Franck Soudant. São Paulo: Blucher, 2022.

proporcionam *vivências de prazer*. Agora mais do que nunca, o pesquisador se apoia em achados teóricos da ergonomia, da sociologia e em particular da psicanálise<sup>11</sup> – de S. Freud e do próprio Dejours<sup>12</sup> – sobretudo os do psicanalista Jean Laplanche (1924-2012).<sup>13</sup>

Acolhendo agora a voz de trabalhadores, mulheres e homens, nossos estudantes. Desempregado e estudante da nossa Escola, parece ter tirado o coelho da cartola quando elabora a seguinte frase densa: “Porém o mais importante [para Dejours] é proporcionar a escuta do trabalhador”. Sim, a *escuta* dos trabalhadores revelará às investigações dejourianas da psicopatologia ampliada o seguinte: trabalhadores, mulheres ou homens, não são *passivos* diante das restrições organizacionais.

Ou na voz de mulher, operadora de cobrança, estudante da Escola:

Esta disciplina trouxe a mim mais análises e um olhar crítico sobre aquilo que não enxergávamos, o silêncio do trabalhador (a), suas angústias reprimidas em ações de trabalho, para não encarar o problema de frente. A disciplina como grade curricular no segundo semestre de 2020 é uma raridade e poderia tornar-se mais frequente, pois amplia muito o nosso pensamento.

Voz de jovem operário da área da artes visuais discorrendo sobre si próprio, sobre a valorização dos sonhos e os “obstáculos” impostos à imaginação dos trabalhadores :

Naquela altura eu não me via ainda como artista. E um dos exemplos usados em encontros na disciplina nesse semestre em que foram nomeados aspectos importantes para a interpretação da vida (sonho e labuta cotidiana). Discutir sobre aspectos (re)produtivos do sistema do qual fazemos parte, pontuando obstáculos cotidianos que freiam a imaginação, alienando as massas e gerando

---

11 Cf. em particular DEJOURS, Christophe. A terceira tópica. **Primeiro, o corpo**. Corpo biológico, corpo erótico e senso moral. Trad. Vanise Dresch. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

12 Dejours comenta as relações entre a *clínica psicodinâmica do trabalho* e a *psicanálise*: “Entre a clínica do trabalho e a psicanálise as relações são estreitas. Elas o são desde a origem da psicopatologia do trabalho, mas muitos psicanalistas o ignoram, uma vez que a clínica do trabalho se desenvolveu essencialmente fora das escolas de psicanálise, no confronto com ergômenos, médicos do trabalho e engenheiros, nos anos 1970-1980; depois, com sociólogos, historiadores e economistas, nos anos 1990-2000; e, enfim, com juristas e filósofos, nos últimos anos. É agora, pois, tempo de retorno à comunidade psicanalítica de questões que, durante 30 anos, foram discutidas sem ela e que, contudo, não poderiam nem ser formuladas e nem ser analisadas sem levá-la em conta.” DEJOURS, Christophe; Mello Neto, G. A. R. *Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. Psicologia em Estudo*, 17(3), 8 de maio de 2016, p. 363-371.

13 Conta-nos Dejours a respeito do seu encontro com o psicanalista Jean Laplanche: “Meu encontro com Laplanche foi tardio. Pedi a ele que me supervisionasse quando eu já tinha 48 anos. Essa supervisão foi validada para a minha entrada na Association Psychanalytique de France (eu iniciei minhas primeiras supervisões aos 26 anos de idade e, desde então, não parei mais). Fui vê-lo, porque pensava que ele era um dos melhores ou o melhor conhecedor de Freud. E, então, compreendi que ele não era apenas um tradutor e um comentador de Freud, mas um teórico cuja sutileza e precisão me permitiram ultrapassar certas ambivalências que eu mantinha em relação a Freud e outros pensadores, cujos ensinamentos acompanhei nos trinta anos precedentes”. Entre o legado e a criação - Christophe Dejours (Entrevista) In: Jean Laplanche. **Revista Percurso** (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae). Ano XXIX, Jun.-Dez. 2016, n. 56-57.

lucro para o capital a partir do sofrimento (angústias, medo e ansiedades), é investir na derrubada de dicotomias, paradigmas limitantes em um momento importante para a formação como cientistas do trabalho.

Somaram-se ainda reflexões fundamentais a respeito do psiquiatra e ensaísta Frantz Fanon (1925-1961), na voz de trabalhador em projetos sociais de gênero e raça:

Tivemos a oportunidade de falar sobre Fanon e sua aplicação na disciplina, entendendo a utilidade e importância da teoria para trabalhadores da Escola Dieese. Da mesma forma que Dejours busca discutir as consequências do trabalho capitalista para psique, Fanon expõe as consequências do colonialismo, consequentemente as consequências do capitalismo colonial para subjetividade e psique na sociedade, desenvolvendo uma teoria muito a frente do seu tempo, de grande utilidade para ativistas e acadêmicos hoje em dia.

A atividade humana, demasiado humana, nomeada “trabalho” é gerada no *invisível* aos nossos olhos, na subjetividade de quem trabalha. É pensamento, imaginação, sofrimento e, em estado de sublimação, poder produzir prazer, realizações do eu, alegrias que, afora suas expressões externas, continuam no campo do *não-visível*, no silenciamento de vozes e palavras que importam.

Seria então a subjetividade e seus efeitos ocultos, contudo humanizantes, a tão procurada terceira margem do trabalho? Há certezas no ar e até respiramos fundo, apenas sentimos, mesmo que nos falem palavras para expressar.

## Achados

Pequenas amostras da leitura de *A loucura do trabalho. Estudo de Psicopatologia do Trabalho* realizada em classe virtual, durante o ano trágico de 2020, assolado pela peste da Covid-19. São citações ao léu, fluindo por capítulos ou passagens da original e inspiradora obra de Christophe Dejours. Sem ordenação lógica, mas atravessadas por sentimentos, preocupações – e alegrias igualmente – vivenciadas pelos estudantes-trabalhadores da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, em seu dia a dia, no trabalho e na vida pessoal. E que, de invisíveis, se mostraram em comentários escritos ao final da nossa leitura compartilhada e dos seminários apresentados naquele semestre cruel mas promissor de futuros outros.

Logo no início de *A loucura do trabalho*, e com a finalidade de descrever o “desgaste mental” no processo de trabalho, Dejours nos oferece exemplo

*negativo*: o “caso do subproletariado”<sup>14</sup>. Adverte-nos que, na exemplificação escolhida, não se trata de uma classe social, no sentido estrito do termo. O subproletariado é a população que habita as periferias dos grandes centros urbanos e seria mais identificável com o não-trabalho ou o subemprego. Na vida do subproletariado, escreve Dejours, “o sofrimento [mental] ... aparece maciço e evidente (...), mas sua natureza pede para ser decifrada” antes mesmo da pesquisa psicopatológica adentrar no mundo do trabalho propriamente dito. Além disso, os teóricos do século XIX em diante, “não deram conta [dessa] vivência pelos homens do subproletariado”<sup>15</sup>.

Pede nossa atenção, escreve Dejours, “a vivência dessa população em relação à saúde, mais precisamente, em relação à doença”. A seguir e bem longamente, descreve o quanto o subproletariado, marginalizado em inumeráveis sentidos, exerce a “negação da doença”. Segundo o pesquisador, a manifestação subjetiva do *medo* do corpo não ter condições para trabalhar – que se manifesta diversamente em homens e mulheres – tem centralidade nas preocupações *inconscientes* do subproletariado, e contra a qual constroem “ideologias defensivas”. Estudante na Escola DIEESE, trabalhadora de *call center*, mulher viúva e mãe, que reside em periferia da metrópole de São Paulo, assim comenta o exemplo negativo apresentado por Dejours:

No subproletariado, saúde muitos não sabem se têm, mas de doença muitos falam, seja ela a doença do alcoolismo, depressão, ansiedade ou transtorno psicológico. O corpo doente não pode trabalhar, causando um adoecimento pior nesse trabalhador, onde eles negam até onde podem e não podem. Mas muitos não reconhecem que não é só o corpo que adocece e sim, a mente; muitos poderiam procurar um tratamento psicológico, mas não reconhecem que estão doentes e negam a doença.

No decorrer de *A loucura do trabalho*, Dejours ressalta que em suas investigações psicodinâmicas procura guardar distanciamento cauteloso das pesquisas quantitativas, sempre à procura da *especificidade* do trabalho em determinados grupos de trabalhadores, privilegiando a escuta de suas vozes e demandas. É assim que Dejours adentra em outro grupo particular, o caso dos trabalhadores de construção civil<sup>16</sup>. Observa nesse grupo específico a existência de uma forte “ideologia ocupacional defensiva”, igualmente inconsciente, que não se relaciona imediatamente ao *medo* de não ter condições de trabalhar, como no caso do subproletariado.

Tal “ideologia ocupacional defensiva” seria construída pelo grupo de pe-

14 DEJOURS, Christophe. As estratégias defensivas. As ‘ideologias defensivas’ (o caso do subproletariado). *A loucura do trabalho*. Op. cit. p. 33-45.

15 *Idem*, p. 33.

16 *Idem*, p. 88-93.

ões de obra para “exorcizar” o medo diante dos perigos que cercam a sua atividade trabalho. Comenta Dejours: “Nesta categoria profissional, os perigos têm um peso real e uma importância que é inútil sublinhar. Aliás, disso são testemunhas os numerosos acidentes mortais ou com invalidez que, no conjunto geral dos acidentes mortais, os da construção civil perfazem a metade.” Contudo, através da análise psicopatológica, nota-se que, nesse grupo específico, existe algo insólito, ou seja a “resistência dos trabalhadores às normas de segurança”. Contudo, escreve Dejours, “o desprezo, a ignorância e a inconsciência em relação ao risco são apenas uma fachada”. E prossegue logo explicando que “(...) na verdade, nossas pesquisas mostraram que esta fachada pode desmanchar-se e deixar emergir uma ansiedade imprevista e dramática”<sup>17</sup>.

Enfim, a vivência do medo se impõe, porque é real, mas só raramente aflora nas palavras dos peões de obras construtivas, pois se encontra contida pelos mecanismos de defesa *inconscientes*. Se o risco de acidente e o medo a ele vinculado fossem totalmente conscientes, seria impossível para o peão permanecer em sua função. A famosa “inadaptação profissional” na construção civil, na maioria das vezes, se encontra vinculada ao medo, sendo essa sua maior causa. Mesmo fora da situação de trabalho, tal medo tende a se manifestar de modo camuflado, mostra-se como “(...) a ladainha dos sintomas medicalizados de ansiedade em forma de vertigens, cefaleias, impotências funcionais diversas – bem conhecidas dos médicos clínicos e médicos do trabalho”<sup>18</sup>.

Na análise psicopatológica de outra categoria profissional – que sob o olhar de Dejours configura um “contraexemplo” – haveria outro modo de enfrentar as tarefas profissionais. O piloto de caça parece desenvolver “estratégias defensivas” em relação à sua profissão, tais como “ser arrojado, não cultivar o medo ou a insegurança”, exemplo longamente analisado pela psicopatologia em *A loucura do trabalho*.

Para essa categoria profissional, comenta Dejours, “voar sozinho é o supremo prazer em que o piloto deixa-se levar pelo gozo narcísico”. Em alguns poucos casos – “pois esse trabalho só pode convir a um grupo limitado de indivíduos” – , nessa profissão que envolve extremos riscos corporais e mentais, ocorre “(...) verdadeira reconciliação entre o eu adulto e as aspirações arcaicas do ideal (ideal do eu), fonte de um sentimento de bem-estar, de vitória e de exaltação”. O *ideal do eu* parece ser “o principal motor da atividade profissional”. O piloto é desafiado a desprezar o perigo que cerca sua profissão quando – estrategicamente – deixa-se guiar por “aspirações essencialmente voltadas à autossuperação”<sup>19</sup>.

Dejours escreve que “a estrutura mental muito particular dos pilotos de caça contém talvez um ‘grão de loucura’”. Pequena loucura que pode estar a serviço do enfrentamento diário a riscos de morte. Conclui então: “Fica aber-

17 *Idem*, p. 89.

18 *Idem. Ibidem*.

19 DEJOURS, Christophe. Um contraexemplo: a aviação de caça. *A loucura do trabalho*. *Op. cit.* p. 103-124.

ta a questão de saber se, assim como o corpo dos pilotos de caça, sua loucura não seria racionalmente explorada pelo comando e pela organização do trabalho”<sup>20</sup>.

A negação da doença perscrutada no exemplo negativo do subproletariado, o medo camuflado e silencioso dos peões da construção civil, a pequena loucura dos pilotos de caça e ainda em outros casos, como a emblemática ansiedade das telefonistas, alavanca psíquica para aumentar o seu ritmo de seu trabalho e sua produtividade, todos esses casos emblemáticos e outros mais são identificados e analisados no ensaio de psicopatologia da obra *A loucura do trabalho*. Lado a lado às descobertas originais como são as “ideologias defensivas” e as “estratégias defensivas”, Dejours entremeia à sua análise psicopatológica conceitos advindos da psicanálise, tais como o ideal de eu, fobia, angústia, ansiedade, narcisismo.

Firmemente se afasta de conclusões precipitadas, de cunho positivista e de teor “simplista”, escrevendo:

Contrariamente ao que se poderia imaginar, a exploração do sofrimento pela organização do trabalho não cria doenças mentais específicas. Não existem psicoses de trabalho, nem neuroses do trabalho. Até os mais ferrenhos críticos da nosologia psiquiátrica não conseguiram provar a existência de uma patologia mental decorrente do trabalho. Apenas algumas interpretações simplistas atribuem à sociedade a causa de todas as doenças mentais (...). As descompensações psicóticas e neuróticas dependem, em última instância, da estrutura das personalidades, adquirida antes do engajamento na produção.<sup>21</sup>

Se não é causa primeira das doenças mentais, a organização do trabalho é determinante no desencadeamento dos casos de descompensações psíquicas do sujeito.

Amostras simples, pequenos achados, tudo o que narramos acima. Apanhado não-exaustivo da original e inspiradora obra *A loucura do trabalho. Estudo de psicopatologia do trabalho*, do médico psiquiatra e psicanalista Christophe Dejours.

Que saibam todos: desde o início segui me deixando levar pelas águas sinuosas de um rio caudaloso das escritas de mulheres e homens, estudantes e trabalhadores da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho. Falantes vozes deles todos em palavras escritas, reverberando a *subjetividade* de cada um – ainda que apenas poucos representados estejam, embora mereçam sim ocupar um lugar destacado nestas páginas.

20 IDEM. *Ibidem*, p. 123.

21 DEJOURS, Christophe. A organização do trabalho e a doença. A doença mental. In: **A loucura do trabalho**. Op. cit. p. 159.

*Terceira margem* ausente antes, porém agora posta à vista na vivacidade eloquente de *subjetividades* manifestadas nas escritas de pessoas trabalhadoras, tão diversas entre si, mas harmoniosas no entendimento, nos voos de imaginação, na alegria e sonhos de futuros. Diante da possibilidade da escuta de suas vozes e desejos e sonhos, não titubearam minuto sequer.

## Referências bibliográficas

BENOIT, Lelita. O. Prazer-realidade e atividade trabalho (rabiscos às margens de Mal-estar na civilização, 1930, de Sigmund Freud). **Revista Ciências do Trabalho**, n. 7, 2017. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/118/pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

DANTO, Elizabeth Ann. **As clínicas públicas de Freud**. Psicanálise e justiça social 1918-1938. Trad. Margarida Goldsztajn. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Coleção Estudos)

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. 7.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2019.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia L. Ferreira. 6.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez/Oboré, 2015.

DEJOURS, Christophe. **O fator humano**. Trad. M. Irene S. Betiol e M. José Tonelli. 5.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora FGV. São Paulo, 2017.

DEJOURS, Christophe. **Primeiro, o corpo**. Corpo biológico, corpo erótico e senso moral. Trad. Vanise Dresch. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo I**. Sexualidade e Trabalho. Trad. Franck Soudant. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Blucher, 2022.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo II**. Trabalho e emancipação. 2.<sup>a</sup> ed. Trad. Franck Soudant. São Paulo: Blucher, 2022.

DEJOURS, Christophe; Mello Neto, G. A. R. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. **Psicologia em Estudo**, 17(3), 8 de maio de 2016, p. 363-371. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ZCgmnvttLdFqdzFb3tdZ3zt/?lang=pt#>. Acesso em: 30 set. 2022.

GUIMARÃES ROSA, João. A terceira margem do rio. *In*: **Primeiras estórias**. 15.<sup>a</sup>

ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LE GUILLANT, Louis. **Escritos de Louis Le Guillant. Da ergoterapia à psicopatologia do trabalho.** Org. Maria Elizabeth A. Lima. Trad. Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2006.

MILITÃO, Stênia Cássia P. **Educação e Trabalho no Brasil:** análise da experiência da Escola DIEESE e o novo curso de Ciências do trabalho. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2017.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental** (O direito de ser dono de si mesmo). São Paulo: Cortez, 2011.